

A CIBERCULTURA NA SALA DE AULA DO ENSINO SUPERIOR: IMPLICAÇÕES ÉTICAS NO ENSINO E APRENDIZAGEM E NA COMUNICAÇÃO

EDEMILTON DOS SANTOS¹

Resumo: Em tempos de tecnologia, que emerge também na Educação, faz-se necessário analisar a ética e a tecnologia na sala de aula do Ensino Superior. Para começar essa ação, é preciso lançar um olhar filosófico-tecnológico sobre a cibercultura para que esta possa auxiliar como caminho aliado promovendo uma relação ética e responsável no processo de ensino e aprendizagem, bem como no uso da comunicação nos meios cibernéticos. Com o procedimento bibliográfico, fundamentando-se o tema em autores que refletem sobre a ética da responsabilidade, a cibercultura e suas implicações na sociedade, é possível uma resposta de como ser ético e responsável na produção do conhecimento, tanto para os educandos como para os educadores. A tecnologia, protagonista do novo na Educação, precisa estar conectada com o saber para formar uma parceria que leve a comunidade educadora a perceber as mudanças do físico para o virtual e atuar com tranquilidade, estabelecendo um caminho de aprofundamento no novo mundo da virtualidade. Esta, por sua vez, deve levar a uma experiência que seja capaz de olhar para a sala de aula e perceber nela um espaço de oportunidades promovidas pela arte da técnica para formar pessoas capazes de usufruir da tecnologia e não a tecnologia usufruir das pessoas.

Palavras-chave: Saber. Hipertexto. Responsabilidade. Relação. Plágio. Falta o resumo em língua estrangeira.

INTRODUÇÃO

A história é marcada por períodos que a identificam ao longo do seu percurso desde a pré-história até a atualidade. Em cada um dos momentos sempre algo marcou, com ênfase, tanto positiva, como negativamente, a construção de um determinado tempo. O tempo que ora se vive, dentro da contemporaneidade, é marcado pelo avanço da tecnologia que engloba, praticamente, todas as esferas da sociedade, entre elas a Educação. Por esse motivo, o tema central do estudo que segue irá refletir sobre a ética e a tecnologia na sala de aula do Ensino Superior.

Para a realização deste estudo, teve-se como base a pesquisa bibliográfica, destacandose dois autores que refletem sobre os dois grandes conceitos tratados no presente artigo, a saber: a

¹ Licenciado em Filosofia pela Faculdade Pe. João Bagozzi. Bacharel em Teologia pela Universidade Católica Dom Bosco. Pós-Graduado em Docência no Ensino Superior pela Unicesumar. Pós-graduado em Gestão Escolar pela Universidade Cruzeiro do Sul Virtual EAD. Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Cruzeiro do Sul Virtual EAD. Professor na Rede Estadual da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina nas disciplinas de Ensino Religioso, Filosofia e Sociologia.

ética da responsabilidade e a cibercultura. Os referidos autores, Hans Jonas(2006) e Pierre Lévy(1999), respectivamente, trabalham esses conceitos, chamando a atenção para um olhar cauteloso sobre o uso deles. Para que o estudo fosse mais fundamentado, além destas duas obras, *O Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica* e *Cibercultura*, foram utilizados artigos de revistas e outros livros que versam sobre o assunto, como será observado mais adiante, e, também, o uso da legislação vigente para embasar alguns pontos da pesquisa.

Pode surgir a pergunta: por que trabalhar a ética e a tecnologia na sala de aula do Ensino Superior em um tempo em que a Educação a Distância ganha campo e atinge muitos lugares, inclusive aqueles em que jamais se pensaria a possibilidade de a educação chegar? É simples de responder a essa pergunta. Na Educação a Distância, o educando já entra conhecendo os meios digitais para poder se comunicar com seus educadores e colegas e o ambiente o ensina como fazer de maneira responsável e ética. Mas, na sala de aula, isso não acontece também? Sim, acontece, porém, por se estar em um ambiente presencial, torna-se mais fácil o uso de maneira irresponsável e antiética. Por isso a importância de se refletir como usar os meios tecnológicos para serem aliados ao conhecimento.

A pesquisa desenvolvida e apresentada abaixo, como resultado da reflexão, partiu do problema de como fazer da cibercultura uma aliada na sala de aula do Ensino Superior, utilizando-a de maneira ética tanto no processo de ensino e aprendizagem como na comunicação nas redes sociais utilizadas entre os educandos e os educadores. Para que o assunto tivesse uma organização adequada, foram necessárias reflexões filosóficas e tecnológicas acerca da cibercultura e suas implicações no espaço educacional prescrito acima de maneira técnica, ética e responsável. Tendo em vista esse processo, foi preciso apresentar apontamentos teóricos sobre o uso da tecnologia na sua relação com o saber, relacionar a cibercultura e a educação, objetivando o uso das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem e refletir sobre a importância da tecnologia na sala de aula do Ensino Superior como pressuposto ético e responsável.

O texto que segue apresenta uma sequência reflexiva que vai aprofundando o assunto proposto até chegar a possíveis caminhos que venham a ajudar na melhoria do uso das tecnologias na Educação. Partindo do pressuposto de que a cibercultura e a sala de aula refletem uma relação ética e responsável, esta reflexão apresenta três pontos importantes. Primeiramente, o uso das tecnologias e o saber refletem como essa nova dimensão apresenta novos meios, com seus desafios e conquistas, para a Educação. Num segundo momento, a cibercultura e o ensino

e aprendizagem como caminhos para o novo na educação refletem como vivenciar a Educação ajuda no aprofundamento do conhecimento. E como terceira e última reflexão, a relação da cibercultura e da sala de aula como campo de atuação ético e

responsável no uso das tecnologias. Portanto, o novo modo no campo educacional vai exigir preparo do profissional da Educação para fazer o educando mergulhar nessa nova etapa de forma ética e responsável.

2 A CIBERCULTURA E A SALA DE AULA: UMA RELAÇÃO ÉTICA E RESPONSÁVEL

Diante do contexto atual, em que se encontra o mundo, é inegável o avanço da tecnologia. Ela se encontra em todos os segmentos sociais, inclusive na Educação. Quando bem utilizada, proporciona o conhecimento imediato e o contato com vídeos e imagens elevando a curiosidade do educando. Para essa finalidade, são necessários alguns pontos para ajudar a entender esse processo. São eles: o uso das tecnologias e o saber; a cibercultura e o ensino e aprendizagem: caminhos para o novo na Educação; e a cibercultura na sala de aula do ensino superior: pressuposto ético e responsável.

Perante essa constatação, surge um questionamento: quais são as mudanças existentes da era do livro, que ainda hoje existem, para a era da informatização? Como a era da informação pode ser uma aliada, de forma ética e responsável, no processo de ensino e aprendizagem? Para responder a essas e outras perguntas, algumas reflexões são importantes, a começar pelo uso das tecnologias e o saber.

2.1 O USO DAS TECNOLOGIAS E O SABER

Para início de conversa, é necessário abordar um assunto fundamental para a transformação existente no campo virtual. Para embasar historicamente essa transformação, Ramal (2002) apresenta uma reflexão importante ao falar que a letra sede lugar aos *bytes*, proporcionando um novo lugar educacional de leitura e de escrita.

Alguns pontos importantes a serem analisados nessa informação sumamente importantes para a reflexão que se quer empreender: o primeiro diz respeito ao novo espaço de leitura e escrita. Embora ainda persista o caderno como espaço prático de escrita e o livro como espaço

de leitura, já ganha forma o espaço digital, chama a atenção Ramal em 2002. Hoje, passados praticamente 20 anos, muitos acadêmicos já fazem uso de seus *tablets*, *notebooks* e, até mesmo do celular, nas mais variadas marcas e modelos, para realizarem os seus apontamentos. Tais objetos caracterizam o novo espaço de leitura e escrita. No entanto, ele não desfoca o relacionamento existente entre o texto, o escritor e o leitor. Soares (2002, p.

149) afirma: “O espaço de escrita condiciona, sobretudo, as relações entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto”. Isto é, o relacionamento permanece, o que varia é o objeto para registrar os apontamentos e a leitura.

O segundo momento está nas letras. Elas não se formam somente pelo traçado desenhado pela força exercida a uma caneta ou a um lápis, que dá a identidade do seu escritor, ou seja, essa letra é daquela determinada pessoa. As letras hoje são *bytes* digitais, com uma série de combinações, pelas quais se podem escolher inúmeras formas de fontes para melhorar a estética do texto. A página continua em branco, porém agora sem traçado e sem papel. É uma página aberta no monitor do *tablet*, *notebook*, computador ou celular, que permite escrever como cada um quer e da forma artística que melhor se adaptar ao contexto do texto, caso não seja um trabalho acadêmico, o qual permite apenas duas fontes. Isso só é possível pelo fato do uso dos meios eletrônicos para essa finalidade, do uso do computador e de outros aparelhos que permitem a digitalização. Ao se pronunciar sobre essa nova forma de escrita,

Levy (1999, p.56) afirma: “[...] não é apenas uma ferramenta a mais para a produção de textos, sons e imagens, é, antes de mais nada, um operador de virtualização da informação”. Em outras palavras, a ampliação da aplicação do seu uso.

A substituição da “pena” pelo teclado consiste no terceiro momento da análise. O movimento da mão não é mais o ir e vir desenhando as letras no papel, mas o clicar nas letras para que estas se formem na folha virtual. Segundo Ramal (2002), essa nova maneira de escrever pode apresentar um distanciamento entre o escritor e sua obra. Distanciamento pelo fato de que no processo eletrônico o texto está na tela do aparelho utilizado para seu desenvolvimento. No papel, o texto está diretamente em contato com o seu escritor, permitindo que ele sinta a emoção de ver a sua letra sendo desenhada nas linhas da página que está construindo.

Não é de todo negativo esse processo como parece dentro de uma atuação cada vez mais eletrônica. Porém, é preciso ter o cuidado para não ficar em nenhuma extremidade, o que torna esse processo negativo, mas aproveitar ambas para a qualificação da escrita tanto manual como digital.

Na era da grafia digital, aparece um elemento importante, o hipertexto. Segundo Marcuschi (2001 *apud* Araujo, 2011, p. 635), hipertexto “consiste numa rede de múltiplos segmentos textuais conectados, mas não necessariamente por ligações lineares”. Como aponta Araujo (2011), cada leitor, estando diante do computador, ou outro aparelho digital, com a mesma página e o mesmo texto, poderá ler assuntos distintos, marcados pela hipertextualidade. Sendo assim, pode-se inferir que o texto no papel possibilita a linearidade, o hipertexto a multilinearidade. E é com esse conceito novo que a Educação precisa dialogar também.

A multilinearidade faz parte da nova forma de relacionar a Educação e o saber. Nesta nova proposta, o educador utilizará também a interface, que, conforme Silva (2010, p. 46), nada mais é do que “um termo que, na informática e na cibercultura, ganha o sentido de dispositivo para encontro de duas ou mais faces em atitude comunicacional, dialógica ou polifônica”, isto é, a pluralidade digital presente na sala de aula e na vida do educador e educando.

Eis o grande desafio existente na tarefa do educador. O educando que chega para o Ensino Superior não chega somente com seu caderno e caneta. Ele vem com os seus eletrônicos. Neles estão todos esses elementos elencados até aqui. Diante dessa realidade, é necessário que o professor esteja bem preparado para saber fazer a diferenciação entre um conceito e outro para não extrapolar.

Dessa forma, percebe-se a importância existente na relação das tecnologias com o saber. Porém ela não pode ficar só nesse âmbito. Precisa também ir para outro campo. O campo do ensino e aprendizagem. O que é este campo? E a reflexão exposta na próxima seção.

2.2 A CIBERCULTURA E O ENSINO E APRENDIZAGEM: CAMINHOS PARA O NOVO NA EDUCAÇÃO

A realidade cibernética que o mundo vive pede uma nova proposta educacional que condiz com essa realidade. A sociedade e a Educação estão diante de um enigma, que, segundo Savater,

[...] é que agora temos de escolher entre uma realidade virtual e uma realidade presente e, muitas vezes, a realidade virtual – que também é uma realidade, pois está acontecendo em algum lugar determinado, porém longínquo – vai nos acostumando a ver a realidade como um espetáculo (SAVATER, 2012, p. 25).

O problema levantado pelo autor é pertinente e desafia todos os segmentos envolvidos na Educação. Trata-se de saber como lidar com o objeto que o educando tem em suas mãos diariamente e, porque não dizer, diretamente. Este objeto é o celular, que hoje mais parece um computador de bolso. Com o avanço das redes sociais, estas se fazem presentes no cotidiano da população e também no cotidiano do estudante. Sendo assim, surge uma pergunta: como aliar redes sociais com a Educação?

Pontuando essa dimensão, Costa; Ferreira (2012) apresentam uma proposta de discussão sobre o assunto, fazendo com que as redes sociais se tornem um aparato de ajuda e não de atrapalho para a Educação. Eis o novo caminho a ser percorrido: tornar as redes sociais um processo de ensino e aprendizagem sem desfocar do espaço acadêmico físico.

Nesse contexto entra também a cibercultura que, como afirma Lévy (1999), os jovens têm grande desejo de se conectar coletivamente. E essa conexão não é somente em âmbito nacional, mas em âmbito internacional. Com base nessa informação, o autor ainda apresenta três princípios fundamentais para essa realidade. São eles: interconexão, comunidade virtual e inteligência coletiva. A interconexão é uma espécie de eliminação das fronteiras divisórias das nações; a comunidade virtual aproxima as pessoas pelos interesses comuns; a inteligência coletiva abriga o paliativo do ser humano.

Com essa reflexão, chega-se ao final deste segundo momento em que foi refletido sobre as novas formas presentes no dia a dia do educando e do educador. Elas são o novo existente no processo do ensino e aprendizagem e não podem ficar de lado. Elas precisam interagir com o processo tradicional – no sentido de quadro, giz, etc. – e o processo cibernético. Porém a conclusão desse ponto abre espaço para uma terceira reflexão, muito importante no processo do uso da cibercultura na sala de aula do Ensino Superior. Trate-se da forma ética e responsável do uso de toda essa tecnologia.

3.3 A CIBERCULTURA NA SALA DE AULA DO ENSINO SUPERIOR: PRESSUPOSTO ÉTICO E RESPONSÁVEL

Depois de todo um embasamento acerca do universo tecnológico, torna-se necessário refletir sobre a maneira de usar todos esses meios dentro de um processo ético e responsável. O

foco é a sala de aula presencial do Ensino Superior pelo fato do contato direto entre educador e educando, o que possibilita uma reflexão mais clara para esta análise.

Partindo-se do princípio de que “a sala de aula caracteriza-se por ser o lugar da profissionalidade docente” (CAMPOS, 2012, p. 40), é extremamente necessário que o professor utilize esse espaço num tom de responsabilidade e ética, motivando os seus educandos a fazerem o mesmo.

Como refletido acima, o mundo da sala de aula não é mais só o mundo dos livros. Nele está presente o mundo físico-geográfico por meio dos aparelhos celulares, *tablets* e *notebooks*. Tanto o professor como os alunos fazem uso dos mesmos. Porém, como usá-los?

Para responder a esta pergunta, a presente reflexão fará uso de dois conceitos básicos: a ética e a responsabilidade. Savater afirma:

O maior problema que a internet nos suscita é a veracidade. Dizer ou não dizer a verdade se converteu numa questão mais complicada do que no passado. Agora, a partir de casa, podemos enviar mensagens falsas, errôneas, e até mesmo nocivas, a conhecidos e desconhecidos (SAVATER, 2012, p. 26).

Aqui se está diante de um dos problemas mais sérios enfrentados no processo de ensino e aprendizagem: a veracidade das informações e das pesquisas. Um exemplo: O professor solicita ao aluno determinada pesquisa. O aluno não a faz como proposta de aprofundar o seu conhecimento, mas somente para obter um resultado numérico, valendo-se deste com a finalidade de obter aprovação. Simplesmente vai até seu *notebook*, digita o tema da pesquisa, copia e cola algumas partes, outras escreve, ou copia tudo, e apresenta como pesquisa real desenvolvida por ele. É um exemplo que se pode enquadrar na fala do autor acima citado.

É importante ressaltar, neste contexto, que as ferramentas da informatização são para pesquisa e não para plágio, isto é, copiar o texto literalmente de outrem como se fosse o seu texto. Esta prática é considerada crime. A Constituição da República Federativa do Brasil (Art. 5º, inciso XXVII) adverte: “aos autores pertence o direito exclusivo de utilização, publicação ou reprodução de suas obras, (...)” O Código de Direito Civil (Art. 1.228) estabelece que “o proprietário tem a faculdade de usar, gozar e dispor da coisa, e o direito de reavê-la do poder de quem quer que injustamente a possua ou detenha.” O Código Penal (Art. 184), em seus parágrafos, apresenta a violação dos direitos autorais como sendo fatores criminosos e sujeitos a reclusão. Eis aqui a necessidade de orientação aos educandos para não incorrerem em plágio. Aliás, não somente em trabalhos acadêmicos, mas nas atividades cotidianas também.

Sendo assim, retomando o exemplo de Savater (2012), conforme citação anterior, abrindo margem para interpor sobre a veracidade dos meios cibernéticos, chega-se à conclusão de que a pesquisa realizada sem plágio constitui o caráter da verdade do pesquisador.

Outra realidade que adentra na sala de aula, por meio das redes sociais e da internet, é a vida catastrófica do mundo. Na maioria das vezes, as catástrofes detêm o maior tempo-espaço das informações diante dos olhos dos educandos. Nesse caso, como orienta Savater (2012, p. 35), “o educador também precisa se perguntar que sentido tem expressões como “solidariedade” ou “piedade”, já que vemos coisas espantosas acontecendo bem longe, mas que, graças às telas nos sentimos como se estivéssemos bem perto.” É o que se chama de catástrofes mundiais motivadas pela falta de responsabilidade do ser humano e que afetam a vida dos estudantes também.

Depois dessas reflexões sobre a ética, adentra-se no segundo conceito proposto para a discussão: a responsabilidade. Este conceito será apresentado por dois pontos de vista. O primeiro se refere à cibercultura e seu uso na sala de aula; o segundo, como o uso responsável pode promover o ensino e aprendizagem conectado com a vida cotidiana do educando.

Segundo Jonas, (2006, p. 189), “a Educação tem, portanto, um fim determinado como conteúdo: a autonomia do indivíduo que abrange essencialmente a capacidade de responsabilizar-se”. A responsabilidade não está somente no indivíduo coletivo, como visto anteriormente, mas no indivíduo particular. É ele que se responsabiliza pelo seu processo de aprendizagem e por suas ações. O educador é apenas um mediador que o auxilia no processo.

A partir dessa constatação, chega-se a outra dimensão da responsabilidade. Aquela que está inserida na técnica e que caminha com o educando para a sala de aula. Jonas se posiciona a esse respeito, dizendo:

Sob o signo da tecnologia, no entanto, a ética tem a ver com ações [...] que têm uma projeção causal sem precedentes na direção do futuro, acompanhada por uma consciência previa que, mesmo incompleta, vai muito além, daquela outrora existente (JONAS, 2006, p. 22).

Além de ser uma ação ética, precisa ser uma ação responsável. Para isso, é importante que cada sujeito saiba ter o cuidado com o presente e com o futuro também. É isso que Jonas fala, quando apresenta o imperativo ético: “Aja de modo a que os efeitos da tua ação sejam

compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a Terra” (JONAS, 2006, p. 47).

Diante de todo o processo tecnológico vivenciado atualmente, esse princípio ético é extremamente importante. Porém, o que tudo isso tem a ver com a cibercultura dentro da sala de aula no Ensino Superior? A resposta é que tem tudo a ver, pois é lá que se reflete o conteúdo pertinente, que gera o conhecimento, aplicado posteriormente na prática.

Dessa forma, pode-se evidenciar que todo o processo tecnológico é um grande aliado para o processo de ensino e aprendizagem. Assim, a cibercultura, no âmbito digital da Educação, proporciona um estreitamento entre o espaço físico ocupado pelo educador e pelo educando, e o espaço físico-geográfico ocupado pelo mundo. Assim também, as redes sociais, quando utilizadas pela ação correta da responsabilidade e da ética, possibilitam uma interação entre os educandos e o educador, gerando novos meios de comunicar, motivar e aprender.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na reflexão empreendida neste artigo três foram os pontos que guiaram o estudo realizado. Num primeiro momento, foi refletido como a tecnologia constrói uma relação com o saber. É importante ressaltar, deste primeiro ponto, que o espaço da escrita no papel passa a ceder lugar ao espaço da escrita na tela do computador, *tablet*, celular, entre outros meios eletrônicos. Num segundo momento, a reflexão se deu em torno do novo que a Educação precisa buscar a partir de uma realidade de cibercultura. No terceiro momento, o enfoque foi sobre o uso ético responsável da cibercultura tanto no ensino e aprendizagem como na comunicação virtual nas redes sociais, evitando que a facilidade das pesquisas possa fazer com que os educandos incorram no crime do plágio.

Pela realização desta pesquisa, foi possível perceber três aspectos importantes. Primeiro, está acontecendo uma mudança na Educação que pode ser perigosa. Tal mudança distancia o educando da sua própria letra e o aproxima da letra pronta na tela de um aparelho eletrônico designado para a escrita. Ao mesmo tempo em que pode ser perigoso, constitui um avanço significativo, proporcionando novos caminhos no processo educacional. Segundo, o novo desencadeado pelo uso das tecnologias, evidenciando a realidade global, deve ser um meio para o conhecimento e não para a acomodação. Terceiro, o desafio do uso correto, ético e responsável

da cibercultura e das redes sociais para promover o ensino e aprendizagem de forma que os educandos possam partilhar suas experiências, gerando novas experiências.

Diante dessas constatações, da abrangência do tema e de sua importância, não se pode fechar a pesquisa aqui. Quando menos se espera, surgem inovações que precisam ser analisadas e estudadas. Sendo assim, o tema da cibercultura na relação com a Educação é um tema sempre aberto que não poderá ser fechado, pois ainda surgirão novos desafios e novas ideias no campo da tecnologia. A Educação não pode parar no tempo, pois, se assim acontecer, se acomoda e não inova. O campo tecnológico precisa ser conhecido e, para isso, nada melhor que investir na qualificação de novos profissionais que saibam lidar com o novo desafiante da era tecnológica.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Elaine Vasquez Ferreira. Internet, hipertexto e gêneros digitais: novas possibilidades de interação. **Cadernos do CNLF**, v.15, n. 5, t. 1. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.

BRASIL. Código Civil: Lei 10.406/2002. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 11 jan. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406.htm. Acesso em: 05 set. 2016.

BRASIL. Código Penal: Decreto-Lei 2.848/1940. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 31 dez. 1940. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decretolei/Del2848compilado.htm. Acesso em: 05 set. 2016.

BRASIL. Constituição Federal. **Diário Oficial da União, Brasília**, DF, 5 out. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 05 set. 2016.

CAMPOS, Casemiro de Medeiros. **Saberes docentes e autonomia dos professores**. 5. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

COSTA, Ana Maria Simões Netto; Ferreira, André Luis Andrejew. Novas possibilidades metodológicas para o ensino-aprendizagem mediado pelas redes sociais Twitter e Facebook. **REnCiMa**, v. 3, n. 2, p. 136-147, 2012.

JONAS, Hans. **O Princípio Responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Tradução: Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Editoras Contraponto e PUC-Rio, 2006.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

RAMAL, Cecilia Andrea. **Educação na Cibercultura**: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artemed, 2002.

SAVATER, Fernando. **Ética Urgente**. Trad. Newton Cunha. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014, p. 25.

SILVA, Marcos. Educar na cibercultura: desafios à formação de professores para docência em cursos *on-line*. **Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, n. 03, jan./jun. 2010, PUC-SP.

SOARES, Magda. Novas práticas de Leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.